

:: TECNOLOGIA PARA O CUIDADO

Nosso histórico de saúde pode salvar vidas e tornar o sistema mais eficiente. O caminho é digitalizá-lo.



Prontuário eletrônico integrado amplia compreensão da saúde do paciente e da população

Utilizamos serviços de saúde durante toda a vida, mas cada consulta médica parece a primeira. Não há como acessar nosso histórico completo: dores, sintomas e exames pregressos estão espalhados pelas emergências e consultórios de diferentes especialidades por onde passamos. Um desperdício de informação valiosa, que podemos evitar.

– Hospitais têm prontuários eletrônicos limitados à instituição. E há sistemas governamentais muito bons que, na maioria das vezes, não conversam com os sistemas hospitalares nem entre si – explica Nêmora Tregnago Barcellos, coordenadora da nova graduação em Medicina da Unisinos. – É um desafio bem importante – avalia a médica.

Um formato promissor de prontuário integrado é o histórico de saúde pessoal (do inglês, *personal health record*, ou *PHR*). Na Unisinos, um projeto desenvolve o PHR combinado à computação móvel. O uHospital aposta na popularização dos wearables – relógios, pulseiras e outros dispositivos inteligentes, que registram a atividade física e sinais vitais do usuário – como fonte de informação complementar ao histórico registrado na rede de saúde. O conhecimento acumulado sobre a trajetória do paciente elucida riscos, facilita diagnósticos e qualifica tratamentos.

– Dispor do histórico reduz o custo em exames repetidos. Além disso, a medicina pode deixar de ser reativa e tornar-se ainda mais preventiva – avalia o professor da pós-graduação em Computação Aplicada Cristiano André da Costa, coordenador do projeto.

A ideia é que o conjunto abundante de dados também seja processado por tecnologias avançadas de inteligência artificial, que revelem aspectos da saúde do paciente que poderiam passar despercebidos pelos médicos. Todo esse aparato não vem para substituir os profissionais de saúde, mas para auxiliá-los.

– O sistema mais poderoso é o que combina o poder cognitivo humano com o poder de processamento computacional – avalia Costa.

Epidemiologia turbinada

O prontuário digital na atenção primária é uma proposta antiga do SUS. O governo tenta forçar a adoção do Prontuário Eletrônico do Cidadão pelos municípios, mas 76% das unidades básicas de saúde fazem os registros em papel – via de regra, por falta de computadores e internet.

Em tempos de controle estrito de gastos, a tecnologia pode contribuir para tornar toda a rede de cuidados mais eficiente e embasar ações e investimentos em saúde e áreas relacionadas, como saneamento.

– Em níveis epidemiológicos, um dia poderemos descobrir novos focos de determinadas doenças, ou fazer associações que revelem a causa de determinada virose em determinada região – destaca Costa.

A preocupação, como na maior parte dos projetos ligados ao Big Data (a quantidade massiva de dados gerados pelos dispositivos eletrônicos na era digital), é com a segurança da informação.

– Temos de ter garantia de que ninguém, fora o paciente e quem ele autorizar, vai acessar os dados. Uma empresa poderia decidir não contratar um funcionário ao saber de uma doença no passado – explica o professor.

Por isso, no modelo pesquisado pela Unisinos, o acesso ao histórico é controlado pelo paciente. Segundo Costa, pesquisas apontam que, assim, as pessoas também se educam e zelam pela correção dos prontuários.

– Além disso, um sistema como o uHospital, com controle por senha ou biometria, é mais seguro do que os dados em papel, que podem ser mais facilmente violados – conclui o professor.